**PLATÃO DUALISTA: UMA LEITURA DE FÍLON DE ALEXANDRIA?**

Lucas Santos Cerqueira[[1]](#footnote-1)

Marco Antônio de Lima Santos[[2]](#footnote-2)

Orientador: Prof. Dr. Everaldo Mendes[[3]](#footnote-3)

**RESUMO**

*O presente artigo buscará compreender a dualidade platônica em sua origem. É de fundamental importância se diferenciar como esse conceito dualístico chegou ao Ocidente a partir da leitura neoplatônica do filosofo judeu Fílon de Alexandria (25 a. C. – 50 d. C.), confortando-o com os conceitos apresentados nos próprios escritos de Platão: Fédon, Timeu, Crítias e Leis, os quais muitos filósofos e pensadores posteriores não tiveram acesso. O mais grave é que essa “leitura enviesada” de Platão parece ter influenciado grande parte do pensamento filosófico posterior, indo até a experiência religiosa, social e a cultura no ocidente o que fez com boa parte da sociedade tenha ficado com um legado distorcido da filosofia platônica, que recai necessariamente numa antropologia dualista como se esta fosse obra do próprio Platão.*

**Palavras-Chave:** Platão. Dualismo. Fílon de Alexandria.

**INTRODUÇÃO**

Nesse sentido, a partir de um estudo mais detido e atento a respeito do tema proposto. Tendo por objetivo obter a resposta desta problemática: Platão dualista: uma leitura de Fílon de Alexandria? Neste contexto existe de um dualismo antropológico (alma e corpo) nos escritos de Platão? Ou mesmo foi um legado pela leitura neoplatônica de Fílon de Alexandria?

Nesse sentido para compreender a dualidade platônica em sua origem é de fundamental importância se diferenciar como esse conceito dualístico chegou ao Ocidente a partir da leitura neoplatônica do filosofo judeu Fílon de Alexandria (25 a. C. – 50 d. C.), confortando-o com os conceitos apresentados nos próprios escritos de Platão: *Fédon, Timeu e Crítias e Leis*, os quais muitos filósofos e pensadores posteriores não tiveram acesso. O mais grave é que essa “leitura enviesada” de Platão parece ter influenciado grande parte do pensamento filosófico posterior, indo até a experiência religiosa, social e a cultura no ocidente o que fez com boa parte da sociedade tenha ficado com um legado distorcido da filosofia platônica, que recai necessariamente numa antropologia dualista como se esta fosse obra do próprio Platão.

Neste contexto, no diálogo *Fédon* os mundos sensível e inteligível parecem mais interligados embora não se confundam ontologicamente (o ser visível difere do Ser em si). A relação corpo e alma na obra *Timeu* e sobretudo nas *Leis* é vista de maneira bastante positiva: a alma é comparada ao marinheiro e corpo ao navio, faz-se esta analogia para demonstrar que a alma é mediadora entre o mundo sensível e o mundo das ideias, ou seja não há separação, mas sim uma unidade.

1. **INVESTIGAÇÃO DA LEITURA DE FÍLON DE ALEXANDRIA SOBRE O DUALISMO PLATÔNICO**

Essa compreensão de dualismo platônico no ocidente como uma separação *psyché-sôma[[4]](#footnote-4)* parte de uma obscura reflexão das obras de Platão que dá uma formulação teórica no campo propriamente metafísico[[5]](#footnote-5). Desta forma, é necessário compreender que este pensamento platônico teve grande influência tanto na formação quando no desenvolvimento da filosofia, da cultura, da civilização e do ser em grande parte do ocidente.

O Platão que chega até o ocidente e que possui essa imagem de dualista foi por Fílon de Alexandria: Judeu de origem ficou famoso pelos seus comentários filosóficos a respeito das escrituras. De origem sacerdotal, muito influente na cidade de Alexandria. Faz-se necessário compreender com ele dualizou algumas das obras de Platão:

Em razão da leitura desenvolvida por ele do velho testamento em particular do livro de Moises, contém modificações de conceitos fundamentais, relacionados com a filosofia platônica, de modo especial o Platão do Timeu, em lugar de obras posteriores, as que foram consideradas em outros tempos. A primeira ideia fundamental de Fílon de Alexandria, de influência grega, helênica, é que o homem foi criado por Deus, com a forma Dele na mente, o que foi denominado de logos, ou seja, algo puramente racional, em seguida influenciada por Platão, como um ser constituído de corpo. Entretanto não bastava para Fílon de Alexandria a ideia de corpo, porque isso não significava muito teologicamente, pois o corpo para ser criado por Deus precisaria de um segundo elemento, que seria a ideia de alma herdada de Platão, algo incorpóreo, o que determinaria a ideia permanente do homem enquanto ser, depois da morte. (VASCONCELOS, 2012. s/p)

É perceptível que para Fílon de Alexandria o homem estaria dividido entre esses dois extremos por um lado a matéria, ou seja, o mundo das coisas e o lado divino a sua alma. Essa divisão por Fílon e que depois foi adotada por Plotino e posteriormente em parte por Santo Agostinho. Desta forma, houve uma grande influência deste dualismo irracional no pensamento ocidental fundamentado no cristianismo que teve também como base a cultura helênica[[6]](#footnote-6). Em contrapartida esse modo de pensar até certo tempo parecia verdadeiro para os cristãos primitivos até que o influxo da filosofia grega sobre a base de pensamento construída por Fílon foi tão forte que posteriormente o conceito de alma não corresponderia com o que de fato seria a alma sendo que ela não é um objeto.

1. **COMPREENSÃO DA INTERLIGAÇÃO DOS MUNDOS SENSÍVEL E INTELIGÍVEL NA OBRA *FÉDON***

Desta forma, faz-se necessário analisar a obra do período médio de Platão, *Fédon*, que para diversos comentadores a relação corpo (mundo das coisas) e alma (mundo das ideias) de maneira fortemente negativa, no qual a alma se encontra prisioneira do corpo e dos sentidos. O corpo se torna limitação da alma e que o sábio deseja a para se libertar este fato é perceptível na narrativa da morte de Sócrates que mesmo estando prestes a ser executado se encontra feliz. Adentrando ao diálogo percebemos explicitamente:

E agora, dize-me: quando se trata de adquirir verdadeiramente a sabedoria, é ou não o corpo um entrave se na investigação lhe pedimos auxílio? Quero dizer com isso, mais ou menos, o seguinte: acaso alguma verdade é transmitida aos homens por intermédio da vista ou do ouvido, ou quem sabe se, pelo menos em relação a estas coisas não se passem como os poetas não se cansam de no-lo repetir incessantemente, e que nem vemos nem ouvimos com clareza? [...] Quando é, pois, que a alma atinge a verdade? Temos dum lado que, quando ela deseja investigar com a ajuda do corpo qualquer questão que seja, o corpo, é claro, a engana radicalmente. (PLATÃO, 65b, 1972)

A partir de uma leitura fundamentalista e radical será instaurado um dualismo corpo-alma e parece ser fundamental no pensamento platônico tal dicotomia, acarretado assim, uma visão negativa do corpo e que para a alma alcançar a verdade, dirige-se ao *lógos*, ou seja, direciona-se para si mesma. Para muitos distanciar-se do corpo, e das coisas sensíveis para alcançar a verdadeira sabedoria pensam como os primeiros filósofos na separação física, natural, entre corpo e alma. Por outro lado, os amantes do saber, os filósofos autênticos pensam que essa separação ocorra de modo “análogo” em relação ao processo natural. Conforme Platão:

É uma coisa bem conhecida dos amigos do saber, que sua alma, quando foi tomada sob os cuidados da filosofia, se encontrava completamente acorrentada, a um corpo e como que colada a ele; que o corpo constituía para a alma uma espécie de prisão, através da qual ela devia forçosamente encarar as realidades, ao invés de fazê-lo por seus próprios meios e através de si mesma; que, enfim, ela estava submersa numa ignorância absoluta [...] Assim digo, o que os amigos do saber não ignoram é que, uma vez tomadas sob seus cuidados as almas cujas condições são estas, a filosofia entra com doçura a explicar-lhes as suas razões, a libertá-las, mostrando-lhes para isso de quantas ilusões está inçado o estudo que é feito por intermédio dos olhos [...]. (1972, 82d-83-a, p. 94)

O tema da dualidade perpassa todo o diálogo da obra *Fédon.*  Platão articula a relação entre estes abordando-a de diferentes modos. São duas as vertentes que são articuladas no Fédon para estabelecer a necessidade da separação do corpo e da alma: a onto-epistemológica e a ético-antropológica. É de fundamental importância para a antropologia a distinção entre *ideia* e *coisa.* As coisas pertencem ao mundo sensível, que tem por característica a ilusão, mutável e passageiro. Já as ideias pertencem ao mundo inteligível, realidade divina e eterna. As coisas do mundo sensível não passam de cópias imperfeitas do mundo inteligível. Isso não nos leva uma compreensão de dualidade, muito pelo contrário, existe uma relação entre as coisas e as ideias, ou seja, “estas são os arquétipos imitados por aquelas. As coisas, assim, nos remetem ao mundo das idéias” (RUBIO, 2001, p. 98)

Destarte, a teoria dos dois mundos, concretiza-se antropologicamente na alma e no corpo, que são inerentes os dois tipos diversos de conhecimento: *doxa* (opinião) e *espiteme* (ciência). Desta forma no mundo das coisas o discurso existente é o da opinião. Já a ciência conhece o mundo inteligível, começando pelos particulares até atingir a evidência das ideias. Qual a relação entre os dois mundos e os dois tipos de conhecimento? Afonso Garcia, evidencia claramente:

Primeiramente a maneira como Platão focaliza e procura solucionar a problemática suscitada pela decadência de Atenas, sua pátria; em segundo lugar, o modo como o platonismo procurará explicar o fenômeno da ruptura e da divisão interiores, amarga experiência vivida por cada ser humano. [...] Platão parte da constatação de que o poder na cidade está em mãos de cidadãos que são escravos das opiniões. [...] O bem real dos cidadãos da polis só poderá ser atingido na medica em que os homens abertos ao mundo das idéias (os filósofos, nãos os sofistas) detenham de fato o poder. (RUBIO, 2001, p. 99).

Neste contexto, torna-se perceptível que não é a morte que nos fará conhecer de fato o mundo das ideias, mas principalmente uma abertura ao mesmo, tendo como meio o diálogo para que assim o sentido dualista radical, esse desprezo pelo corpo e pela sensação atribuído a Platão, que pode ser entendido na leitura do Fédon é resolvido no próprio diálogo, a partir dos argumentos da reminiscência e da Teoria das Formas.

Esse sentido dualista radical tem penetrado fundo na consciência cristã, no decurso dos séculos, e que funciona frequentemente de modo inconsciente, tornando-se um obstáculo formidável para que haja uma concreta opção da Igreja pela salvação-libertação do homem integral, ou seja em sua totalidade.

Em contrapartida, afirmar que Platão despreza o corpo em detrimento da alma refletiria na afirmação de que ele despreza a senso-percepção em detrimento da aquisição do saber. Inúmeros comentadores e diversos compêndios têm se inspirado no Fédon e na República para defender esse desprezo, que Platão, segundo eles, manifesta pelas sensações. Todavia, tal tese vem causar um grande problema no entendimento de toda a obra platônica, visto que no *Teeteto* (152d) Platão identifica o corpo, na sua função senso-perceptiva, com o saber, dando a esse nesta busca uma participação muito relevante. Não é com uma separação natural que o Filosofo alcançará as verdades inteligíveis, mas através de uma educação da alma em busca daquilo que é imutável:

Cabe ao filósofo, pois, educar a sua alma, dirigi-la ao encontro do inteligível, e distanciar-se do sensível. Não cabe confiar nos sentidos, e nisso a alma filosófica se distingue daqueles que creem estar a verdade contida nas aparências. O filósofo, aquele que ama o saber, já não confia nos conhecimentos que partem do sensorial, daí então, confia somente no inteligível e no invisível, aquele que a alma consegue alcançar. (BARROS, p. 04)

1. **UNIDADE NA MULTIPLICIDADE E NÃO DUALIDADE SEPARATISTA, EM PLATÃO.**

Há demais quem fale em dualismo platônico, a partir de um viés, no qual se defende e ou discute-se a existência de dois mundos separados entre si, tanto no que diz respeito ao pensamento naturalista (mundo sensível – no qual as coisas se mostram e são possíveis de serem conhecidas, através dos sentidos; mundo das ideias – de onde provêm todas as coisas reveladas aos sentidos, onde se encontra a verdadeira essência de cada uma dessas) e antropológico, (a alma como parte do suprassensível e o corpo, do sensível).

Não obstante, discordamos de uma postura que reduza o pensamento platônico à dualidade separatista, na qual os conceitos de mundo sensível e mundo das ideias independem um do outro e vice-versa. Concordamos que há uma dualidade explicitamente conceitual, para tentar explicar, a partir de duas dimensões o que é o ser. Ademais, compreendemos que o ser é uno e se dá na multiplicidade, ou seja, na univocidade dos seres. Significa dizer que, um ser necessita de outro para ser representado e ou pensado, de modo a se chegar a uma representação mais próxima possível do ser em sua totalidade absoluta. É vislumbrar a essência singular na pluralidade.

Em se tratando do ser tal como ele é, não se pode afirmar com veracidade que, o homem, por exemplo, enquanto ser, seja somente alma nem simplesmente corpo. Com isso, notamos que, considerando a alma como a memória do ser e participante de um plano considerado ideal e, o corpo de outro, considerado corruptível, ambos necessitam da unidade entre si. Porque à medida, com que a alma necessita do corpo para através dos sentidos, perceber os entes (como representação do ser em si), o próprio corpo precisa da alma para ser animado e conduzido a vislumbrar a memória do mundo ideal.

Mas qual é a relação entre a alma e o idêntico, entre o eterno e o imóvel? Para responder a esta pergunta devemos ter em consideração a concepção do tempo exposta por Platão no Timeu. Diz Timeu que o demiurgo, logo após ter gerado o cosmos e tê-lo visto vivo e em movimento, pensou em fazê-lo ainda mais similar ao vivente eterno. Todavia o mundo, na condição de gerado, não podia ser eterno de maneira perfeita. Por isso, o demiurgo decidiu criar o tempo como uma imagem móvel da eternidade. A dificuldade dessa passagem depende do fato que Platão sente muita dificuldade em encontrar as palavras adequadas para distinguir aquilo que é eterno, porque dura sempre, daquilo que é eterno, porque está fora do tempo. Tal distinção é ofuscada nas duas espécies de eterno que fala Timeu, uma que permanece em si mesma una (é a intemporalidade), e uma que procede segundo o número, ou a multiplicidade (a eternidade como duração) (TRABATTONI, 2010, p. 261).

Julga-se plausível o que Trabattoni traz nesses dois fragmentos de sua obra: *Platão*, porque ambos reforçam nossa tese de que não há, em Platão, um dualismo separatista (dois mundos à parte). Não obstante, percebe-se que o ser em si existente no ideal, não se desliga do ente existente no material. Ademais, mesmo em sua intemporalidade, o ser ideal entra na contagem infinita do tempo (por algum tempo), justamente, nos entes finitos ao passar do tempo. Essa união faz com que aconteça, em todo e qualquer tempo, a existência una do ser em si, realizada na unidade dos plurais.

Mas a necessidade de encontrar um ponto de equilíbrio eficaz entre a perfeição do modelo e a inevitável superficialidade das suas imitações é visível sobretudo na importância que o *Político* atribui às leis e à maneira diferente, relativamente à *República*, em que se organizam as diversas constituições. Tais formas de governo são, antes de tudo, classificáveis segundo o número, como o governo de um, governo de poucos e governo de muitos (291d). Mas junto à variável do número o *Estrangeiro* introduz também outras, como pobreza e riqueza, violência e liberdade, com leis e sem leis. Rigorosamente falando, nenhuma dessas variáveis é determinante para estabelecer a verdadeira arte da política. O elemento que distingue a constituição política ideal é ascensão ao governo de um ou mais homens possuidores da técnica política, ou seja, da ciência capaz de identificar caso por caso o que é bom, com base na justa medida. Para Platão, é óbvio que, se esses homens existem, podem governar, quer sejam muitos ou apenas um, quer o façam pela persuasão ou pela força, quer com leis ou sem leis: efetivamente serão capazes de produzir de maneira infalível aquele bem e aquela felicidade que todos os homens naturalmente desejam (293d-294c). Platão confirma, portanto, mais uma vez, um princípio ao qual se manteve fiel ao longo de todo seu pensamento. O bem é o único valor verdadeiramente suficiente, e nada mais o pode subordinar: nem a lei e nem mesmo a liberdade. Todavia, retorna aqui de maneira amplificada a mesma duplicidade de planos representada no mito, isto é, aquela chamada de atenção para a desigualdade entre modelo e realidade, que é característica peculiar da última fase do pensamento de Platão (TRABATTONI, 2010, p. 280-281).

É de total relevância o que nos diz Trabattoni, uma vez, que ele nos apresenta um novo conceito a partir do pensamento platônico, o de duplicidade, ou seja, que as coisas podem ser apresentadas nos opostos, como pobreza e riqueza, violência e paz, com leis e sem leis. Porém, nada pressupõe o bem como único e verdadeiro valor necessário, porque o mesmo já é por só.

1. **REFLEXÃO SOBRE O DUALISMO NAS TIMEU, CRÍTIAS E, SOBRETUDO, EM LEIS.**

Neste sentido, a relação do mundo alma e corpo é de maneira positiva: a alma tem a representação do marinheiro e o corpo como o navio. A alma tem como objetivo, fazer a mediação entre os dois mundos: sensível e inteligível.

Contudo, percebe-se que até no pensamento platônico de duplicidade, não há um dualismo separatista, pois, em separando a riqueza e a pobreza, não se poderá dizer que aquela é, sem essa outra ser.

Por conseguinte, chega-se à seguinte conclusão: de que há em Platão um dualismo, porém, somente no que diz respeito à nomenclatura dos conceitos e não nos próprios seres. Ou seja, os conceitos podem manter-se separados, cada qual no seu mundo significante, no entanto, os seres nomeados por esses conceitos, estão estreitamente ligados, à medida que o ideal é perceptível e almejado pelo real e que nesta perspectiva o ideal já se faz presente no real, que já o ver no bem real apresentado e, a partir deste, almeja encontrá-lo como o bem-supremo-ideal.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com o presente artigo, tornou-se perceptível que com este estudo é de fundamental importância utilizar-se do poder do “*lógos*” para melhor expressar o pensar é o ideal que norteia semelhante diálogo. Diz Schelling:

Pois aquele que se quer colocar no ponto instaurador da filosofia verdadeiramente livre deve abandonar até mesmo deus. Isso aqui significa: aquele que quer conservá-lo deve perdê-lo e quem se despojar haverá de encontrá-lo. Somente aquele que chegou ao fundo de si mesmo e conheceu toda a profundidade da vida, que já tudo abandonou e foi ele mesmo por todos abandonado, para quem tudo naufragou e que se viu sozinho com o infinito, foi capaz do grande passo, que Platão já comparou com a morte. (1986, IX, 217/218 *apud* CAVALCANTE, 1991, p. 15)

Sendo assim, devido a problemática levantada e os estudos feitos, conclui-se que Platão dualista: parece ser uma leitura de Fílon de Alexandria e que não há o dualismo pregado por Fílon de Alexandria nos escritos de Platão. Além disso a sua “leitura enviesada” de Platão parece ter influenciado grande parte do pensamento filosófico posterior, indo até a experiência religiosa, social e a cultura no ocidente o que fez com boa parte da sociedade tenha ficado com um legado distorcido da filosofia platônica.

**REFERÊNCIAS**

ABBAGNANO, Nicolas. **Dicionário de Filosofia**. Tradução de Alfredo Bosi. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ANDRADE, Rachel. **O “realismo” platônico**: uma resposta possível no Fédon ou sobre a imortalidade da alma. Revista Letras Clássicas, São Paulo, 1998.

BARROS, Leandro. **A correlação corpo-alma platônica: uma interpretação possível.** p. 1-12.

CABRAL, Roque. **Compreender Platão**. Tradução de Jaime A. Clasen. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

PLATÃO. **As Leis.** Tradução de Edson Bini. São Paulo: Edipro, 1999.

PLATÃO. **Diálogos IV**: Parmênides – Político – Filebo - Lísis**.**Tradução de Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2009.

PLATÃO. **Diálogos:**O Banquete – Fédon – Sofista – Político**.**5. ed. São Paulo: Nova Cultura. 1991.

PLATÃO. **Timeu-Crítias**. Tradução de Rodolfo Lopes. São Paulo: Annablume, 2013.

PLATÃO. **Timeu-Crítias***.* Tradução do grego, introdução, notas e índices de Rodolfo Lopes.

Coimbra: Universidade de Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2011.

ROBINSON, Thomas**. As características definidoras do dualismo alma-corpo nos escritos de Platão**. Revista Letras Clássicas, São Paulo, 1998.

RUBIO, Alfonso Garcia. **Unidade na pluraridade**: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs. 3ª ed. São Paulo: Paulus, 2001.

SANTOS, José Trindade. **Platão:** a construção do conhecimento. São Paulo: Paulus, 2012. (Coleção Cátedra)

SCHELLING, F. W. **A essência da liberdade humana:** investigações filosóficas sobre a essência da liberdade humana e das questões conexas. Trad. Márcia C. de Sá Cavalcante.

Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.

SERRA, Ordep. **Cultura Helênica.** 2009 Disponível em: < https://ordepserra.wordpress.com/tag/cultura-helenica/>. Acesso em: 19 abr. 2017.

SZLEZÁK, Thomas A. **Platão**. Tradução de Milton Camargo Mota. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

TRABATTONI, Franco**. Platão**. Tradução de Rineu Quinalia. São Paulo: Annablume, 2010. (Coleção Archai: as origens do pensamento ocidental)

VASCONCELOS, Edjar. **A Importância de Entender Fílon de Alexandria.** 2012 Disponível em: < http://www.webartigos.com/artigos/a-importancia-de-entender-filon-de-alexandria/95824/ >. Acesso em: 19 abr. 2017.

1. Licenciando em Filosofia da Faculdade Católica de Feira de Santana. lucascerqueira1298@gmail.com [↑](#footnote-ref-1)
2. Licenciando em Filosofia da Faculdade Católica de Feira de Santana. marquinhos15pa@gmail.com [↑](#footnote-ref-2)
3. Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio. [↑](#footnote-ref-3)
4. Alma e corpo. [↑](#footnote-ref-4)
5. Platão apresentou a exigência da formação dessa ciência suprema depois de esclarecer a natureza das ciências particulares que constituem o currículo do filósofo: aritmética, geometria, astronomia e música: ‘Penso que, se o estudo de todas as ciências que arrolamos for feito de tal modo que nos leve a entender seus pontos comuns e seu parentesco, percebendo-se as razões pelas quais estão intimamente interligadas, o seu desenvolvimento nos levará ao objetivo que temos em mira e nosso trabalho não será debalde; caso contrário, será’ (Rep., 531 c-d). Nessa ciência das ciências Platão reconhecia a dialética (v.), cuja tarefa fundamental seria criticar e joeirar hipóteses que cada ciência adota como fundamento, mas que ‘não ousam tocar porque não estão em condição de explicá-las’ (Rep., 533 c). (ABBAGNANO, 2000, p. 661) [↑](#footnote-ref-5)
6. A Cultura Helenística ou Helenismo foi o resultado da fusão dos elementos da cultura helênica grega com a cultura ocidental, destacando-se com elementos originais e marcantes, que caracterizou as regiões conquistadas pelo Império de Alexandre Magno. (SERRA, 2009, s/p) [↑](#footnote-ref-6)